



XVII Semana do Administrador do Sudoeste da Bahia

O Administrador da Contemporaneidade: desafios e perspectivas

ISSN: 2358-6397

Cooperativas de Materiais Recicláveis: vantagens e desvantagens no processo de associação

Autoria: Tiara Cardoso¹

¹ UESB. E-mail: tiara_cardoso@hotmail.com

Propósito Central do Trabalho:

No Brasil, assim como em outros países, é notória a quantidade de pessoas envolvidas com trabalho informal nos últimos anos, devido à escassez do trabalho formal, da pobreza e da exclusão social. Essa mudança, no Brasil, se deu a partir do final da década de 1980, quando o país abriu os mercados internos gerando níveis alarmantes de desemprego. Para tanto, os brasileiros passaram a viver cada vez mais do subemprego e de práticas de economia informal. Devido a essa ruptura, nos últimos anos, o Estado vem estimulando, por meio de políticas públicas de inclusão social, a conversão do trabalho informal em postos de trabalho formal e para isso, os empreendimentos de natureza coletiva têm sido utilizados como uma forma de economia plural. Dentre os diversos tipos de empreendimentos informais ou econômicos solidários, encontra-se as cooperativas. Diante do exposto o propósito deste trabalho é apresentar as vantagens e desvantagens identificadas pelo gênero feminino ao se associarem a uma Cooperativa. Para tal, realizou-se um estudo em duas Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis que integram a Rede Catabahia.

Marco Teórico:

O bem-estar pessoal, fruto das conquistas materiais adquiridas por cada indivíduo, é mantido através da contínua dedicação ao mundo do trabalho e a busca pela aquisição de novos bens, aspirações pessoais de enriquecimento e obtenção de sucesso. Ainda, o indivíduo diante da ameaça da flexibilidade profissional da civilização capitalista cria em si a fragilidade e o medo da perda do seu *status*. Dessa forma, Bauman (2007), destaca que “grande parte do capital comercial pode ser – e é – acumulado a partir da insegurança e do medo”. Pois, ora teme-se perder o fruto das conquistas pessoais e o conforto material, seja pelas crises econômicas, seja pela insegurança e instabilidade da vida urbana ou mesmo pelas catástrofes naturais. Nessas condições, o medo se torna imprescindível para a manutenção da ordem social. Seja ela percebida através da produção e/ou consumo desenfreado ou das disparidades entre “classes” sociais. Essas crises socioeconômicas advindas do capitalismo sempre foram motivo de críticas, haja vista que este sistema possui em suas normalidades a oscilação entre crises de acumulação de capital e crises sociais. No entanto, nos últimos tempos, têm se tornado mais evidente, não sobre uma visão crítica anti-capitalista, mas sim de bom senso socioeconômico, que este modelo já não é suficiente para a ordem econômica global, pois, como poderia ser benéfica a sua influência se o mesmo dilacera o meio-ambiente, joga milhões no desemprego e remunera mais os especuladores do que os produtores? Ou seja, o capitalismo sabe produzir, mas não sabe distribuir, afetando assim não apenas os pobres, mas todo o sistema produtivo. Dessa forma, o sociólogo e filósofo Morin (MONTANO, 2011) têm

sido um dos grandes defensores do desenvolvimento do capitalismo financeiro, como ele chama o atual sistema econômico, através da mundialização ambivalente. Para o filósofo o atual cenário está prestes a sofrer uma catástrofe ambiental e econômica que só poderá ser contida através da mundialização com desmundialização. A desmundialização vem como um anseio por um decrescimento ou crescimento negativo do ponto de vista econômico em que será preciso não apenas de um comércio justo mas também de uma economia solidária, que vença o domínio da perspectiva do ganho exacerbado. Sendo assim, na busca por uma sociedade psiquicamente mais sadia, é preciso reorganizar o presente sistema econômico na direção de libertar o homem do seu uso instrumental como meio de lucro, e de desenvolver um caráter social produtivo no trabalhador através da sua participação ativa e responsável, na qual o trabalho seria atraente e significativo e o capital não empregaria o trabalho, mas o trabalho empregaria o capital (FROMM, 1983). Dessa forma, Fromm (1983) sugere que o processo de reorganização do capitalismo deva acontecer pacificamente, conduzindo a reforma econômica de maneira a não ir de frente com a iniciativa privada dos capitalistas, mas sim de forma que lhes fosse concedido apenas o pagamento justo pelo uso do seu capital, não retornando para o trabalhador o direito ao lucro da “mais-valia” e de uma administração autoritária e centralizada. Noutras palavras, num mundo de necessidades crescentes, onde a maioria das pessoas não participam da gestão dos meios e dos recursos de produção, em oposição a esta economia capitalista, surgiu a gestão social que visa “humanizar” o capitalismo. Para Carrion (2012) a temática gestão social foi responsável por estabelecer uma luta política e/ou uma mudança no interior da Administração, através da inclusão de instrumentos administrativos voltados para a sociedade e não para o mercado, fortalecendo as lutas sociais ao invés dos interesses do capital. Para tal, é neste confronto entre mercado e Estado que os especialistas em gestão social direcionam suas atenções para o chamado “terceiro setor”. Este setor é formado por organizações não governamentais, cooperativas, associações e outros organismos considerados na teoria social e na teoria política como órgãos da sociedade civil. Assim, como consequência dessa nova economia, surgiu o trabalho informal que é um fenômeno social encontrado praticamente em todo o mundo capitalista que, no entanto, assume dimensões de maior proporção nos chamados países de capitalismo periférico, como o Brasil (LEIBANTE, 2008). Dentre os diversos tipos de empreendimentos informais e/ou do terceiro setor, estão as Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis que têm como finalidade resgatar as pessoas que trabalham em lixões. Destaca-se que grande parte dos catadores desempenham suas atividades em condições precárias, sofrendo preconceitos e possuindo baixo reconhecimento do papel que representam na economia e no meio ambiente, embora tenham uma profissão reconhecida e sejam resguardados por um comitê específico. Apesar de o ato de catar lixo ser considerado uma atividade excluída pela própria natureza do tipo de trabalho, alguns estudiosos acreditam que a catação é uma possibilidade de inclusão social de uma parcela de trabalhadores no mercado de trabalho e na sociedade como um todo (BARROS, SALES E NOGUEIRA, 2002).. Medeiros e Macedo (2006) ainda acrescentam que os catadores de materiais recicláveis configuram-se como sendo trabalhadores de um grupo de desempregados, que, por sua idade, condição social e baixa escolaridade, não encontram lugar no mercado formal de trabalho. Porém, salienta-se que, além de todo sofrimento proporcionado por uma exclusão social a este profissional, às mulheres é imposto enfrentar a pobreza de forma mais severa que os homens, devido às barreiras socioculturais de ingresso e permanência no mercado de trabalho, diante da falta de

igualdade de oportunidade com o sexo oposto. Para tanto, nessa conjuntura, o gênero feminino tem se organizado, cada vez mais, em todo o mundo na busca de trabalho, renda e melhorias de vida apoiando-se na criação de empreendimentos de natureza coletiva e cooperativa. Espera-se que nesses empreendimentos não haja discriminação de gênero, uma vez que possuem uma lógica inclusiva e igualitária, de superação das mazelas do sistema econômico excludente que ele visa contrapor. Assim, visando auxiliar não apenas as mulheres no processo de (re)inserção no mercado de trabalho, como os catadores de forma geral, o PANGEA –Centro de Estudos Socioambientais– em parceria com a Petrobrás, criou o Projeto Rede de Catadores Catabahia. O Projeto compreende a implantação de uma Rede Solidária de Coleta e Comercialização de Materiais Recicláveis, possibilitando a comercialização dos resíduos recicláveis em escala, gerando assim maior renda para os catadores cooperativados. A Rede atuou, inicialmente, na cidade de Feira de Santana – Bahia, com uma cooperativa formada por 17 catadores e hoje “beneficia diretamente mais de 1.000 catadores de materiais recicláveis e cerca de 1 milhão de pessoas indiretamente, residentes em bairros populosos dos municípios atingidos, que passam a ter uma melhoria na qualidade do meio ambiente urbano e o aumento da vida útil dos aterros sanitários” (PANGEA, 2013). Atualmente, nove cooperativas fazem parte do programa, sendo elas: CAEC e COOPERBRAVA, na cidade de Salvador; Recicla Conquista, em Vitória da Conquista; COOBAFS, na cidade de Feira de Santana; COOPERJE, em Jequié; ITAIRÓ, em Itapetinga e Itororó; CAEC, em Lauro de Freitas, CORAL, em Alagoinhas e VERDECOOP, no Porto do Sauipe. Dessa forma, através das cooperativas, como meio social, pode-se colocar o homem na perspectiva de sujeito da sua história e não apenas como objeto dela (FROMM, 1983, p.21), cabendo a ele o papel de buscar ou apoiar-se em alternativas oferecidas pelo Estado e/ou meios criados pela própria sociedade para sua re(inserção) e/ou manutenção social. Para isso, é preciso desconstruir a ideia de um saber apenas para especialistas, tendo conhecimento de que as ações de cada ser não repercute apenas de forma micro, como também é de responsabilidade de cada um a totalidade da sociedade, todavia é fundamental que se preserve a ideia de solidariedade entre os humanos e assim é necessária a preservação do elo orgânico com a localidade, a cidade e seus “parceiros” sociais (MORIN, 2001).

Método de Investigação:

A pesquisa realizada é exploratória de natureza empírica. Optou-se pelo estudo de multicasos, o qual se mostrou mais adequado perante a proposta aqui desenvolvida. Para Yin (2005, p. 32), o estudo de caso é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno atual dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos”. O autor ainda ressalta que a utilização deste tipo de estudo exige mais tempo e recursos do que os demais. No entanto, opta-se por sua utilização, nesta pesquisa, pela possibilidade de ter uma maior abrangência dos resultados, afim de que as conclusões não se tornem tendenciosas, devido à análise de diferentes cooperativas, ocasionando melhores resultados. A pesquisa foi realizada nos meses de junho e julho de 2013 e compreendeu o seguinte universo e amostra de pesquisa: a Cooperativa ITAIRÓ possuía uma população de 38 cooperados, sendo 18 do gênero feminino e a Cooperativa de Catadores Recicla Conquista possuía 60 cooperados, sendo 20 do gênero feminino. O universo de amostra foi formado por 16 mulheres no Recicla Conquista e 13 na ITAIRÓ,

representando, respectivamente, 80% e 72% das cooperadas de modo respectivo as suas Cooperativas. Para obtenção dos dados, foi aplicado um questionário semi-estruturado. Paralelo a este levantamento, analisou-se também os dados coletados através da entrevista semiestruturada realizada com os presidentes de cada uma das cooperativas. Os dados coletados receberam tratamento quali-descritivo.

Resultados, Implicações e Conclusões do Estudo:

Faz parte da natureza humana a necessidade de ser visto e valorizado, seja no aspecto social, financeiro ou afetivo. No entanto, os catadores de materiais recicláveis perpassam pela invisibilidade social, tanto na ótica atrelada ao consumo como no que se refere ao reconhecimento social. Tal estigma se baseia na lógica de que o indivíduo que desempenha a atividade de catar lixo é comparado, muitas vezes, ao próprio lixo, como um ser sujo e impregnado de doenças, além da noção deturpada de que as pessoas que desenvolvem essa atividade são perigosas e que se deve manter distância das mesmas. No entanto, outro aspecto agrava ainda mais a situação desse profissional, que é o caso da associação ao gênero feminino. Devido as barreiras socioculturais, a mulher, mesmo quando desempenha uma atividade rentável de forma informal, se depara com grandes dificuldades de aceitação, no entanto, a associação dessas mulheres no cooperativismo de Materiais Recicláveis por si só já traz reconhecimento, organização e um novo método de trabalho, principalmente no que tange a associação em uma Cooperativa que faz parte da Rede Catabahia, as vantagens são ainda maiores, haja vista que o Projeto desenvolvido pela Rede trouxe muitos benefícios para as catadoras, como: regularização dos documentos de todas; aumento significativo na renda média das cooperadas; redução de 30% no índice de analfabetismo; retirada de crianças dos lixões; inclusão das catadoras e familiares em programas municipais de assistência social e no Bolsa Família; ações de assistência socio sanitárias; aumento da autoestima das catadoras; além do desenvolvimento de uma rede social e profissional sólida e solidária por meio das Cooperativas. Ainda, para realização deste Projeto, a Catabahia promove um diagnóstico participativo sobre os municípios que integram a rede, implantando, fortalecendo e acompanhando o processo de incubação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis, através da promoção de cursos de capacitação em habilidades básicas, como a triagem de materiais recicláveis, habilidades específicas, como a manipulação do maquinário e de gestão. Além disso, auxilia na aquisição do galpão de triagem, da compra de maquinários, EPI's e de um caminhão para a coleta seletiva dos resíduos, em cada cooperativa. No entanto, esse apoio se distancia a partir do momento em que a Cooperativa passa a caminhar com as suas próprias pernas. Dessa forma, na percepção das cooperadas do Recicla Conquista, assim como da ITAIRÓ, a associação em suas Cooperativas só foi interessante no período de implantação do Projeto. Atualmente, apesar de ter sido retirada a figura do atravessador no processo de venda dos materiais coletados, ainda, na opinião da maioria das entrevistadas do Recicla Conquista, a renda mensal das cooperadas gira em torno de menos de 1 salário mínimo. Tal fator, se torna uma das principais desvantagens no processo de cooperativismo dessas mulheres, haja vista que a maioria delas desempenham os papéis de provedoras ou parceiras no sustento dos seus lares. A participação feminina no sustento do lar está relacionada com o estado civil e a posição do cônjuge. Muitas cooperadas alegam que os seus maridos, também fazem parte da Cooperativa e, como a renda dos

cooperados variam de acordo com a quantidade de material coletado e vendido, em alguns meses, as famílias não conseguem somar 1 salário mínimo como total das suas rendas. Essa afirmativa, pode ser melhor compreendida quando mesurado que apenas 33% das famílias das cooperadas da ITAIRÓ conseguem receber 1 salário mínimo da mesma forma que 25% das famílias do Recicla Conquista permanecem na mesma situação. Pode-se verificar, ainda, que nas duas Cooperativas, após a inserção das mulheres no regime de cooperativismo, houve uma redução significativa (mais fortemente, no Recicla Conquista) da porcentagem de associadas que ganham um salário mínimo. Os números caíram de 19% no Recicla Conquista para 6% e 38% na ITAIRÓ para 31%. Em contrapartida, na mesma sequência de análise, a quantidade de mulheres que recebiam menos de 1 salário mínimo em Vitória da Conquista subiu de 75% para 94%, enquanto que em Itapetinga/Itororó subiu de 46% para 69%. Esse reflexo se dá pelo fato de, em Vitória da Conquista, o projeto conta com um número maior de associados do que em Itapetinga/Itororó, além de se utilizar uma forma diferenciada de rateio dos ganhos da Cooperativa. Segundo as cooperadas do Recicla, através de conversas informais, cada ecoponto é responsável por recolher, triar e enviar o material para a sede da Cooperativa que fica localizada no aterro sanitário da cidade. Lá, ele é retransmitido para o segundo galpão do terreno, onde o material é prensado e, posteriormente, enviado para venda. No entanto, no primeiro galpão, existe uma esteira elétrica, que possibilita maior agilidade e volume de coleta de resíduos sólidos. Dessa forma, é anotado pela Presidente a quantidade de Kgs ou Toneladas que cada grupo recolhe, fazendo, assim, após a venda, um rateio dos ganhos por base na quantidade que cada grupo recolheu. Ainda segundo as cooperadas, a diferença em reais, referente aos ganhos dos dois grupos, costuma ser considerável, pois, as cooperadas do segundo grupo, normalmente, ganham em média R\$400,00 a R\$500,00, enquanto que o primeiro grupo ganha de R\$900,00 a R\$1.100,00. O Sr. Juvêncio Borges, Presidente da ITAIRÓ, também relata que o procedimento referente ao rateio dos ganhos em sua cooperativa não é muito diferente. Antigamente, eles dividiam os ganhos de forma igual, retirando apenas o valor estipulado para os gastos da Cooperativa, no entanto, sempre ocorriam divergências entre os cooperados em razão deste motivo. Dessa forma, baseados no modo de gestão do Recicla Conquista, a Cooperativa ITAIRÓ adotou o uso de uma ficha de controle de resíduos sólidos, para cada associado. Ali é anotado todas as quantidades recolhidas por pessoa e no final do mês o somatório da quantidade. Após a venda dos resíduos e em contrapartida o recebimento, é realizada a divisão dos valores de cada cooperado com base na sua produtividade. Dessa forma, mesmo que as vezes não seja tão perceptível aos olhos das cooperadas, a filiação a uma cooperativa ajuda no desenvolvimento econômico e social de qualquer indivíduo, mesmo que de forma pequena e pouco perceptível para alguns, o desenvolvimento existe, como afirma Bialoskorski Neto (2004). Observa-se, ainda, que as cooperadas do Recicla, na sua maioria, 75%, não possuem outra fonte de renda enquanto que na cooperativa ITAIRÓ, 100% das associadas não trabalham em outro lugar, o que representa um grande vínculo das cooperadas com a Cooperativa. Apesar de ser afirmado pelas cooperadas, das duas Cooperativas, que a renda proveniente do cooperativismo é insuficiente para cobrir todas as despesas familiares, poucas mulheres possuem vínculo com outra empresa. Dentre os casos relatados, através de entrevista informal, as cooperadas destacam a impossibilidade de manter outro emprego devido a jornada de trabalho dupla realizada pelas mesmas na Cooperativa e em suas casas. Segundo Castells (2002), a jornada diária atribuída a

mulher, muitas vezes, é quádrupla (trabalho remunerado, organização do lar, criação dos filhos e jornada noturna em benefício do marido).

Porém, a emancipação feminina, a sensação de liberdade e autonomia, ocasionada pela não dependência do cônjuge ou de um ente familiar, é indescritível, muitas vezes, superando a dificuldade financeira. Dessa forma, apesar desse desenvolvimento das catadoras, quanto à associação em cooperativas de matérias recicláveis, muito ainda deve ser feito em prol desses profissionais pelo setor público. Porém, vale salientar que este estudo busca se traduzir como um incentivo, também, às mulheres que ainda não descobriram no cooperativismo uma possibilidade de superação social, autonomia, reconhecimento e geração de renda, não obstante as dificuldades enfrentadas. Todavia, o presente estudo não esgota as possibilidades de investigação acerca do tema, mas, certamente, contribui sobre a sua análise e alimenta com mais um passo para os que desejam pesquisar sobre o assunto em discussão. Considerando-se as limitações encontradas nessa pesquisa, abre-se a possibilidade de estudos posteriores no mesmo tema, tendo como sugestão investigar as cooperadas das 9 cooperativas do Projeto Catabahia, assim como, realizar um estudo comparativo entre o gênero masculino e feminino, identificando as diferenças e oportunidades oferecidas pelo cooperativismo como fator de resgate social e econômico.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, 119p.
- BARROS, V.A.; SALES M.M.; NOGUEIRA, M.L.M. Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho. In: GOULART, Í.B. (Org.). **Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BIALOSKORSKI NETO, S. Cooperatives and Informal Relational Contracts in Brazilian Agribusiness. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 42., 2004, Cuiabá, MT. **Anais...** Cuiabá: UFMT/UERJ, 2004.
- CARRION, Rosinha Machado. "A Contribuição da Gestão Social para o Desenvolvimento". In CANÇADO, A. C.; TENÓRIO, F. G.; SILVA JR. J. T. (orgs.) **Gestão Social: Aspectos Teóricos e Aplicações**. Ed. Unijuí, Ijuí, 2012.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. tradução de E. A. Bahia e Giasone Rebuá. 10ª Ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1983; p. 272.
- LEIBANTE, Thiago. **Algumas considerações sobre o trabalho informal no capitalismo contemporâneo**. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/tiagoleibante.pdf>> Acesso em: 10 de novembro de 2012.
- MEDEIROS, L.F.R.; MACEDO, K.B. Catador de material reciclável: **uma profissão para além da sobrevivência?** *Psicologia & Sociedade*, 18(2), 62-71, 2006.
- MONTANO, Sonia. **A Contemporaneidade na visão de Zygmunt Bauman e Edgar Morin**. Disponível em: <https://www.unimedpoa.com.br/Download_File.aspx?arquivoCaminho=~/files/arq_7281_1_1_4.pdf&arquivoNome=resumo_080811_EdgarMorin.pdf> Acesso em 12 out. 2014.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.



XVII Semana do Administrador do Sudoeste da Bahia

ISSN: 2358-6397

O Administrador da Contemporaneidade: desafios e perspectivas

PANGEA – Centro de Estudos Socioambientais, 2013. Disponível em: <http://www.pangea.org.br/redecatabahia/recicla_conquista.php>. Acesso em: 12 de julho de 2013. YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 3^a ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.